

Bancos credores reclamam atraso de US\$ 250 milhões

Carvalho Lobo
Nilton Horita

SÃO PAULO — O Brasil atrasou o desembolso de US\$ 250 milhões aos bancos credores, no inicio da semana, para pagamento de juros devidos sobre os títulos da dívida externa depositados no Banco Central. Essa atitude do governo brasileiro está sendo vista com estranheza por parte dos bancos credores, pois havia compromisso informal de que o depósito dos US\$ 250 milhões seria realizado no seu vencimento, durante negociações entre representantes brasileiros e o comitê de credores, como condição para o desembolso da segunda parcela de dinheiro novo.

"Quando os bancos deram o perdão para desvincular os US\$ 600 milhões referentes à segunda parcela de dinheiro novo ao financiamento do projeto elétrico do Banco Mundial, colocou-se como uma das condições o pagamento dos juros", explicou ontem um dos principais executivos de um grande banco norte-americano. "Esse atraso, porém, só pode ser alguma problema de computador do Banco Central, pois a ninguém interessa criar atritos nas relações entre o Brasil e os credores nesse momento", ironizou essa fonte.

Pacote — Uma outra explicação encontrada pelo principal executivo de um grande banco japonês, é que o Brasil tenta, com essa atitude, criar uma fonte de pressão para apressar a liberação dos US\$ 600 milhões em dinheiro novo. A segunda parcela do pacote de US\$ 5,2 bilhões dos bancos credores ao Brasil, no valor de US\$ 600 milhões, estava vinculada ao projeto elétrico do Banco Mundial (Bird), que foi bloqueado.

O governo brasileiro conseguiu que os bancos desvinculassem o desembolso desse dinheiro, mas a adesão dos credores a esse pacote está sofrendo em virtude da expectativa criada pelo

novo plano americano para a dívida externa dos países de Terceiro Mundo.

Plano Brady — A nova proposta para a dívida externa dos países em desenvolvimento, conhecido como Plano Brady, nada mais é do que colocar no papel mecanismos que já estão sendo aplicados com sucesso pelo governo chileno para diminuir a sua dívida externa. A análise foi feita ontem pelo presidente do Standard Chartered Merchant Bank, da Inglaterra, Igor Cornelsen.

Segundo Cornelsen, o Plano Brady solicita que os países endividados façam rigorosos programas de reformas internas para receber o direito de acesso ao dinheiro dos países industrializados para comprar títulos da dívida com desconto no mercado internacional. "Mas, primeiro, o governo brasileiro precisa acabar com toda a regulamentação existente no país, como Cacex e SEI, além de reduzir o déficit público, para que o país possa ter acesso a esses recursos", afirmou Cornelsen.

The Wall Street Journal em sua edição de ontem afirma que o Plano Brady de redução da dívida externa dos países em desenvolvimento irá beneficiar alguns dos grandes bancos americanos como Citicorp, J.P.Morgan e Bankers Trust de New York. Ao longo dos anos esses bancos formaram uma rede de intercâmbio sobre conversão o que lhes permite identificar os negócios mais lucrativos na América Latina. "O Citicorp é o que leva mais vantagem no processo porque tem negócios em vários países latino-americanos, o que talvez explique o firme apoio dado por seu presidente, John Reed, à proposta do secretário do Tesouro, Nicholas Brady", diz o jornal.